
MENSAGEM PARA A ABERTURA DO ANO DA CORRENTE MISSIONÁRIA

PE. HEINRICH WALTER, PRESIDENTE DA PRESIDÊNCIA
INTERNACIONAL DE SCHOENSTATT

Querida Família de Schoenstatt:

Próximo à tumba de São Pedro e da praça de São Pedro, eu os saúdo, onde quer que estejam, pelo mundo afora. O Santo Padre me convidou para participar do Sínodo dos Bispos sobre a nova evangelização para a transmissão da fé cristã. Por isso, não posso acompanhá-los hoje, junto ao Santuário Original. É um sinal da Providência que hoje possamos unir assim nossos santuários com a grande catedral da cristandade, aqui em Roma. Nossa missão é a missão da Igreja. A ela, queremos servir com nosso carisma, para que Igreja, pela ação do Espírito Santo, receba a graça de uma nova vitalidade. Até agora, este é o maior anseio dos padres do Sínodo. Alguns falam de um novo Pentecostes. Esta deve ser, também, nossa preocupação.

Nossa peregrinação rumo ao jubileu e até o Santuário Original nos leva à fonte original de Schoenstatt. Queremos beber das fontes mais profundas e, assim, renovar nosso carisma para o tempo em que vivemos. A gratidão pela forma com a qual Deus conduziu, durante os 100 anos, a nossa história sagrada desperta novamente, em todos nós, o espírito dos tempos iniciais. Bebemos desse espírito no Documento de Fundação, na fé do Padre Kntenich e na força do testemunho de vida da geração fundadora. No ano passado, aprofundamos a experiência do Santuário. Cultivamos novamente todas as formas de vida do Santuário em nossa Família, desde a vinculação ao Santuário Original, até a vida no Santuário-coração. Esse aprofundamento nos conduz, hoje, à missão: Tua Aliança, nossa missão.

Este ano, o envio começa dentro de um contexto eclesial. A Providência nos tem conduzido de tal forma que, com a Igreja universal, voltamos o olhar para o que é a essência da Igreja. A Igreja tem a missão de evangelizar o mundo. Isso é o que o Senhor recomenda aos discípulos, depois de sua ressurreição. O Santo Padre proclamou o ano da fé e nos recorda o Concílio. Tem falado sobre o espírito do Concílio e sobre a peregrinação pelos desertos de

nossa época. Para essa peregrinação, não precisamos de alforje, nem pão, nem duas túnicas; necessitamos, sim, do Evangelho e da fé da Igreja. Depois de 50 anos, ele vê a necessidade de conclamar a todos para uma nova evangelização, para que o espírito do Concílio não morra.

Com nosso ano da corrente missionária, estamos bem no centro da corrente da Igreja universal. Isto é motivo de uma grande alegria, e, talvez, um desafio. As conferências que o Padre Kentenich realizou há 50 anos, em Roma, sobre o caminho da Igreja rumo ao Concílio, adquirem, agora, todo seu significado. Isto nos anima a entender o ano da corrente missionária como uma contribuição concreta para a renovação da Igreja. Tudo o que fazemos neste sentido está motivado pelo amor à Igreja. Queremos ajudar para que, em todas as partes, a Igreja se converta na alma da cultura e da civilização moderna.

Por que acentuamos tanto a corrente missionária? Eu vejo dois pontos. Tudo o que fazemos como schoenstattianos deve ter um caráter missionário. Tanto se dirigimos um grupo, como se promovemos um projeto social; tanto se fazemos Adoração, como se visitamos doentes; tanto se preparamos a Jornada Mundial da Juventude, como se cuidamos do serviço em creches; tudo isso fazemos conscientes de que esta é nossa missão. E o fazemos de todo o coração, começando pela emoção do envio. A outra perspectiva é que, na preparação rumo ao jubileu, temos observado muitas iniciativas missionárias em todas as partes do mundo. Temos observado que essas iniciativas estão sob forte vitalidade. Temos podido constatar, agradecidos, que, acima de tudo, as comunidades de jovens estão impregnadas do espírito missionário. Essas iniciativas devem e precisam ser divulgadas. Devem unir-se entre si, para que os pequenos córregos se convertam em grande corrente. A corrente missionária trará uma nova força vital a todas as formas de vida que existem em nossa Família. Quero citar pelo nome algumas dessas iniciativas.

A maior força proveniente da Campanha da Mãe Peregrina – é algo que se tem podido constatar nas conversas particulares no Sínodo. Os “madrugadores” da América Latina e o “Terço dos Homens”, no Brasil, reúnem, a cada semana, milhares de homens nos Santuários e paróquias para, juntos, rezarem. As missões juvenis e familiares na América Latina estão se desenvolvendo também na Europa. Em muitos lugares, são iniciados projetos sociais e pedagógicos, por iniciativa de grupos e comunidades.

Além disso, cito os muitos pequenos missionários, os que ninguém cita pelo nome – porém, cada um deles tem um rosto diante de Deus. São aqueles que, por amor, cumprem fielmente seu dever. São aqueles que, em silêncio, entregam seu Capital de Graças nas talhas dos Santuários. São aqueles que não querem ser nomeados, porque fazem tudo em silêncio, com a profunda alegria de fazer tudo pela Virgem e por Cristo.

O Cristo do futuro será um Cristo missionário – caso se queira conservar a fé, caminhando contra a sociedade. Nosso ambiente nos obriga a isso. Desafia-nos a confessar nossa fé e a

dar testemunho dela. O trabalho missionário, a princípio, custa muito esforço. É como saltar em água fria. Porém, logo após, o coração se transforma. A insegurança desaparece e surge uma liberdade no coração. Com toda humildade, cresce a autoestima, a confiança em Deus e a segurança de que Cristo e a Mãe de Deus querem aproximar-se de todos os ambientes, pelo meu ser e agir.

Olhamos a raiz de nosso espírito missionário. É nossa Aliança. É o olhar da Virgem. Em seus olhos, somos reconhecidos e amados. E nós respondemos com nossa entrega. É uma Aliança de Amor. A fonte de toda missão é o amor que conquista o coração e a pessoa em si. Esta é a vocação que recebemos no diálogo com Maria, no Santuário. Ela é a grande missionária, Ela busca aliados para sua missão.

Na noite da abertura do ano da fé, a praça de São Pedro de encheu de tochas. A Ação Católica havia convocado para uma marcha de tochas. Eu me lembrei da marcha de tochas da juventude masculina até Roma, poucos anos atrás, quando a Juventude Masculina se uniu mundialmente como geração missionária. Escolheram o fogo como símbolo. Hoje, todos queremos aderir a essa corrente missionária. Cada um pode acender a tocha do seu coração para que o fogo seja o maior possível, para que possa ser visto de muito longe e possa incendiar muitos corações.

Portanto, declaro aberto o ano da corrente missionária.

Tradução para o Português:

Maria Rita Fanelli Vianna

São Paulo / Brasil